

Protestos na França contra as críticas da imprensa a Sarney

27 ABR 1985

O GLOBO

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — “O tratamento demasiado severo que a imprensa europeia em geral e a francesa, em particular, estão dando ao Presidente José Sarney não ajuda o Brasil neste momento em que está em curso toda uma série de negociações relacionadas com a crise financeira do País.” Esta observação foi feita em Paris, por dirigentes do CNPF — o órgão máximo de representação do empresário francês — e resume todo o malestar criado aqui por causa da imagem negativa de Sarney veiculada por jornais e televisões, que o apontam como “o homem dos militares” ou “o oportunista político que traiu o Presidente Figueiredo”.

O contraste entre um Tancredo exaltado como Deus e um Sarney pintado como se fosse o diabo é considerado pelos brasileiros que vivem no exterior como abusivo. Segundo eles, desmerece, de certo modo, a própria glorificação do Presidente morto, na medida em que, ainda vivo e com toda a sua louvada honradez, Tancredo aceitou a companhia de Sarney em sua chapa, pouco importando os imperativos categóricos deste ato político.

O sentimento de que a imagem é preconceituosa já foi também externado aos dirigentes do Partido Socialista por brasileiros residentes em Paris, entre os quais alguns exilados que não quiseram retornar ao País depois da anistia.

Eles dirigiram-se aos líderes do

PS para reclamar, afirmando que não se trata de retificar a imprensa ou reescrever a História, mas de colocar as coisas em suas justas medidas.

— O passado conta muito, porém conta mais ainda o compromisso do Presidente Sarney de concretizar o ideal democrático do fundador da Nova República — reclamou um dirigente do Partido Comunista.

Ironicamente, apenas o jornal “L’Humanité”, do Partido Comunista Francês, foi discreto e neutro em seus comentários sobre Sarney. Os diários conservadores, como “Le Figaro”, não se acanham em compará-lo a Paulo Maluf e sugerir que, através do novo Presidente, é o autoritarismo do Governo militar que retorna ao Palácio do Planalto.

“Há tristeza e não desespero no Brasil”

JANOS LENGYEL
correspondente

ZURIQUE — “Ha tristeza, porém não desespero no Brasil, um país que tem espaços para desenvolver a democracia e, pouco que seja, também a sua economia. A história castigará os Estados Unidos se falharem em ajudar a democracia brasileira a progredir com sucesso” — escreve o professor Alfred Stepan, da Universidade de Columbia e estúdio do Brasil, em editorial ontem publicado pelo “Internacional Herald Tribune”, editado em Zurique.

“A morte do Presidente eleito Tancredo Neves constitui uma grande perda para o seu país e para o mundo inteiro, porém não prejudicará a transição do Brasil à democracia” — diz o editorial, reconhecendo

que o Brasil perdeu a contribuição que a sabedoria política de Tancredo levou à transição e que nenhum outro estadista poderá contar com a confiança e devoção por ele inspiradas. Mas o renascimento da democracia brasileira não depende unicamente da liderança:

“Todos os demais líderes políticos do país estão comprometidos com a democracia. Apesar das dúvidas iniciais sobre a legitimidade e capacidade de governar de José Sarney, o povo, que com habilidade exemplar fez de Tancredo Neves seu primeiro Presidente civil depois de 20 anos de ditadura, apoiá maciçamente Sarney, simplesmente porque ele representa a continuidade constitucional e democrática” — escreve o professor Stepan.

“Os militares também não criarão problemas e os Generais têm suas

próprias razões complexas para respeitar Sarney” — prossegue, citando o exemplo da Argentina depois da guerra das Malvinas, que forçou os militares para a reestruturação das suas instituições: “dessa forma, foi aliviada a crise de identidade, atribuindo aos militares um novo sentido de sua missão que nada tem a ver com o propósito direto de governar”.

“A não ser que o Presidente Sarney e os partidos políticos falhem totalmente na sua missão de controlar a política nacional, parece improvável que os militares se sintam chamados para substituir o novo Governo com um golpe” — comenta ainda o articulista do “Herald Tribune”, dedicando a conclusão do seu editorial à questão da dívida externa.